

ESTADO DO HOMEM NA MORTE

Duas doutrinas presentes no cristianismo moderno se excluem mutuamente: imortalidade da alma e estado inconsciente dos mortos. A grande maioria dos cristãos crê que a alma continua viva em alguma dimensão imaterial, pois a alma é a parte imortal do ser humano, doada pelo sopro divino da Criação.

Uma outra parcela da cristandade, menor, crê que a imortalidade é uma dádiva condicional, e que o homem não a possui inerentemente. Estes crêem ainda que a morte é um estado de inconsciência semelhante a um sono sem sonhos, e que a alma permanece neste estado até ser despertada no momento da ressurreição.

Qual das duas correntes teológicas tem maior amparo bíblico? Qual dessas duas doutrinas pode ser advogada como aquela que Jesus e os apóstolos ensinaram?

O presente trabalho faz uma análise resumida acerca das duas teorias e apontará aquela que mais se harmoniza com o texto bíblico.

CAPÍTULO I

COMO A BÍBLIA VÊ A MORTE?

Morte – O que é?

A morte é o oposto da vida. Em termos mais definidos, a morte é considerada “o cessar da respiração e o fim da vida”.¹ No Antigo Testamento, a morte é vista como mais que a cessação da vida física, “ela pode referir-se a qualquer coisa que ameaça ou enfraquece a vida ou a vitalidade, como pecado, doença, escuridão, água, ou mar”.²

A referência clássica da Bíblia acerca do surgimento da vida humana está em Gn 2:7 – “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”.³ A vida é demonstrada aqui como sendo a junção entre o “pó da terra” com o “fôlego da vida”, fazendo surgir a “alma vivente”, que é o ser humano.

¹ Ralph L. Smith, *Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2001), 359.

² Edmond Jacob, *Theology of the Old Testament* (Nova Iorque: Harper and Row, 1958), 299, citado em Smith, 359.

³ Versão Almeida, *Revista e Corrigida* (São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995).

Este “fôlego de vida” não está limitado às pessoas,¹ pois há o relato de que os animais que entraram na arca de Noé possuíam o mesmo fôlego daqueles que ali não entraram (Gn 7:15 e 22).²

O termo hebraico traduzido em Gn 2:7 como “alma vivente” é *nephesh chayyah*, também aplicado a animais marinhos, insetos, répteis e bestas (Gn 1:20, 24; 2:19).³

Nephesh, traduzido como “ser” ou “alma”, provém de *naphash*, que significa “respirar”. O termo grego equivalente em o Novo Testamento, é *psuche*. “Uma vez que a respiração é a mais evidente manifestação da vida, *nephesh* designa basicamente o homem como uma criatura vivente, uma pessoa”. Quando utilizada para animais, tal como na história da Criação, a palavra os descreve como criaturas viventes, criadas por Deus.⁴

Citando Lloyd Bailey, Smith informa que

morte é usado no Antigo Testamento em pelo menos três sentidos: 1) como metáfora das coisas que desviam as pessoas da vida planejada por Deus (doença, perseguição, desespero); 2) como “poder” oposto à ordem criada; 3) como cessação biológica, no sentido do fim da existência histórica de uma pessoa.⁵

¹ Rubens S. Lessa, Márcio D. Guarda, e Rubem M. Scheffel, *Nisto cremos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 118.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

⁵ Lloyd R. Bailey, *Biblical Perspectives on Death* (Philadelphia: Fortress, 1979), 39, citado em Smith, 360. Smith acrescenta que “o Antigo Testamento não explica o que acontece quando alguém morre. No Antigo Testamento as pessoas constavam que a morte física era marcada pela ausência de respiração (1Rs 17:8-23) e, em alguns casos, pela perda de sangue. Para eles, a vida estava no sangue (Lv 17:11)”.

Alma – O que é?

A Bíblia afirma que o homem “passou a ser” uma alma vivente. Não é encontrado no relato bíblico da Criação algo que indique que o homem “recebeu uma alma”, ou seja, introduziu-se no homem alguma espécie de entidade separada que, na Criação, foi unida ao corpo do homem.¹

Smith assinala que um ponto de vista comum entre os cristãos, é o de que “a pessoa não deixa de existir após a morte, porém continua existindo como sombra atenuada da existência anterior”.² Ainda segundo Smith, Eichrodt disse que “o que sobrevive não é uma parte da pessoa viva mas uma imagem de sombra da pessoa inteira”.³

Com o profundo interesse que o homem sempre demonstrou pelo conhecimento do que acontece após a morte, surgiu desde o início uma doutrina espiritualista que pretende desvendar os mistérios do chamado “mundo dos espíritos”.

O espiritismo se funda na existência de um mundo invisível constituído de seres incorpóreos que habitam o espaço, e que não são senão as almas dos que viveram na Terra ou em outros planetas, onde abandonaram seus corpos materiais, afirma Allan Kardec num livro básico da doutrina espírita.⁴

¹ Lessa, Guarda, e Scheffel, 119.

² Smith, 361.

³ Ibid., 361-362. O autor acrescenta que Otto Kaiser afirmou que “seria um erro concluir dos textos do Antigo Testamento que Israel acreditava que as pessoas eram completamente aniquiladas com a morte. O que sobrevive, lá embaixo, portanto, não era simplesmente nada, mas uma cópia em sombra, espectral, dos vivos”. Ver: Otto Kaiser, *Death and Life* (Nashville: Parthenon, 1981), 34, citado em Smith, 362.

⁴ Fernando Chajj, *Forças misteriosas que atuam sobre a mente humana* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979), 90.

Segundo Kardec, “há os seres aos quais nós chamamos espíritos; eles nos rodeiam todo o tempo e exercem sobre os homens, a despeito deles mesmos, uma grande influência”.¹

Porém, a utilização de *nephesh* para designar o homem em seu estado “vivente”, demonstra que a Bíblia não reconhece esta “entidade espiritual” que sai do homem por ocasião da morte.

Utilização de *Nephesh*²

- Representa a própria pessoa, sendo, em muitos casos, traduzido exatamente como “pessoa” (Gn 14:21; Nm 5:6; Dt 10:22; Sl 3:2) ou “eu” (Lv 11:43; 1Rs 19:4; Is 46:2);

- É traduzido como “vida” em mais de 100 das 755 ocorrências de *nephesh* no Antigo Testamento (Gn 9:4-5; 1Sm 19:5; Jó 2:4 e 6; Sl 31:13, etc.);

- Pode referir-se a desejos, apetites ou paixões (cf. Gn 34:3; Dt 23:24; Sl 105:22; Pv 23:2; Ec 6:7; Ct 1:7; Jr 34:16);

- Em Nm 31:19 *nephesh* é “morte” e em Jz 16:30 (traduzido como “eu”) ela morre;

- Em Nm 5:2 é traduzido como “morto”, e em Nm 9:6 como “corpo morto”, ou cadáver (cf. Lv 19:28; Nm 9:7 e 10).

¹ Allan Kardec, *Qué es el espiritismo?* (Buenos Aires, 1957), 35, citado em Chaij, 90.

² Baseado em Lessa, Guarda, e Scheffel, 119-120.

Utilização de *Psuche* e de *Pneuma*

No Novo Testamento, o uso do termo grego *psuche* é similar àquele de *nephesh* no Antigo.¹ É utilizado tanto para a vida animal quanto para a vida humana (Ap 16:3). Pode também referir-se a:²

- “Vida” ou “vidas”, segundo a King James (cf. Mt 2:20; 6:25; 16:25);
- “Pessoa” (cf. At 7:14; 27:37; Rm 13:1; 1Pe 3:20);
- Pronome pessoal (Mt 12:18; 2Co 12:15);
- Emoções (Mc 14:34; Lc 2:35);
- Mente (At 14:2; Fp 1:27);
- Coração (Ef 6:6);

A evidência bíblica indica que por vezes *nephesh* e *psuche* podem referir-se a toda a pessoa, enquanto noutras oportunidades o termo se restringe a aspectos particulares do homem, tais como afeições, emoções, apetites e sentimentos. Tal forma de utilização, contudo, de nenhuma maneira demonstra que o ser humano é composto de duas partes distintas. O corpo e a alma existem em conjunto; ambos formam uma união indivisível. A alma não possui consciência separada do corpo. Não existe qualquer texto que indique a possibilidade de a alma sobreviver ao corpo, mantendo-se como entidade consciente.³

Ao passo que o termo hebraico *nephesh* (“alma”) se refere à individualidade ou personalidade, o termo *ruach* do Antigo Testamento (ou *pneuma*, no Novo), que aparece traduzido por “espírito”, refere-se à “energizante centelha de vida que é essencial à existência de um indivíduo”.⁴

¹ Ibid., 120.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Lessa, Guarda, e Scheffel, 120.

CAPÍTULO II

A DOCTRINA DA IMORTALIDADE DA ALMA

Muitos são os de advogam a doutrina da imortalidade da alma, na qual a alma é uma entidade que vive alheia ao corpo físico, de onde “sai” por ocasião da morte, tomando os mais diversos rumos.¹ Apesar de o Antigo Testamento não fazer uma apresentação sistemática ou organizada da vida após a morte,² muitas passagens bíblicas deste período são utilizadas para sustentar a doutrina da imortalidade da alma.

Uma das passagens utilizadas freqüentemente para embasar esta doutrina é Ec 12:7, que diz: “E o pó volte a terra, como era, e o espírito volte a Deus, que o deu”. Acredita-se que aqui é comprovado que o destino da alma, após a morte, é

¹ A origem dessa doutrina remonta a tempos bem distantes. Desde o Éden que este pensamento de que a alma é imortal, a despeito da própria declaração de Deus, que já era semeada a mensagem de que o homem nunca morre (Gn 3:1-4). Smith cita um estudo feito por De Coulanges, sobre as leis e a literatura da Grécia e de Roma, o Veda, e das leis de Manu, onde o pesquisador afirma que as gerações mais antigas, muito antes dos filósofos, criam em uma segunda existência após a morte. Essas gerações, segundo o autor, viam a morte não como dissolução do ser, mas simplesmente como uma mudança na vida. Ver: H. C. Brichto, “Kin, Cult, Land and Afterlife”, *Hebrew Union College Annual* 44 (1973): 1-54, citado em Smith, 363.

² Smith, 369.

separar-se do corpo (matéria física, “pó da terra”), e retornar para Deus, ou seja, conquistar o paraíso.¹

Modernamente, o espiritismo surgiu como uma doutrina aceita profusamente nos meios acadêmicos e de intelectuais, a partir das manifestações sobrenaturais ocorridas por volta do mês de março de 1848, na vila de Hydesville, Nova Iorque (EUA), na casa de John D. Fox.² Na ocasião, os eventos sobrenaturais eram caracterizados por sons de batidas de origem não determinada durante a noite, o que perturbava duas filhas do casal Fox.³

Desde os eventos ocorridos na casa da família Fox, em 1848, a doutrina espírita tem se propagado fortemente e se tornado uma das grandes influências religiosas no mundo atual, permeando mesmo as diversas denominações cristãs e não-cristãs.⁴

A deificação dos mortos tem tido lugar preeminente em quase todo o sistema de paganismo, como também tem a suposta comunicação com os mortos.

¹ Smith, que em sua obra chega posteriormente a defender a imortalidade, admite que essa passagem pode estar dizendo apenas que “a morte ocorre quando Deus retira o Seu ‘espírito’ ou ‘força vital’ de alguém”. O autor também apresenta a declaração de A. B. Davidson de que o fato de a passagem mencionar que o “espírito” retorna a Deus, que o deu, “pode significar apenas que a vitalidade, que flui de Deus, é por Ele retirada, e a pessoa enfraquece e morre”. Também é mencionado W. H. Schmidt, que disse que “o que sai do homem na hora da morte não é a alma imortal, mas a força vital enviada por Deus”. Cf. Smith, 361.

² Chaij, 87. Os historiadores geralmente consideram os acontecimentos de Hydesville como sendo a origem do espiritismo moderno. A partir destes acontecimentos, diversos outros começaram a surgir em vários lugares.

³ Ibid., 86.

⁴ De um modo geral, todas as religiões trazem algum ensinamento que expressa de diferentes formas a crença de uma vida consciente após a morte.

Acreditava-se que os deuses comunicavam sua vontade aos homens, e davam-lhes também conselhos, quando consultados. Desta natureza eram os famosos oráculos da Grécia e de Roma.¹

A Igreja Católica é uma das que, tradicionalmente, tem transmitido em sua catequese uma mensagem de uma recompensa imediata logo após a morte.

Na morte, a alma se separa do corpo e entra numa nova dimensão, chamada eternidade. Nesta nova dimensão, a alma da pessoa está sendo julgada por Deus no assim chamado juízo particular. Conforme o resultado desse juízo, a alma ou entra diretamente no inferno, ou, depois de ter passado talvez certo tempo no purgatório, entra no céu. Ela aguarda, numa situação de felicidade ou de tormento, a chegada do juízo final.²

Blank informa que a origem do modelo dualista (alma + corpo) nada tem que ver com uma revelação bíblica, mas, sim, “com uma religião pagã do século VII a.C., a assim chamada ‘Religião Órfica da Trácia’, na Grécia antiga”.³

Ainda segundo Blank, “desde os primeiros séculos da era cristã, essa concepção [dualista] se tornou o modelo dominante no cristianismo, sustentado pela filosofia do neoplatonismo, e pela ideologia religiosa da gnose e de seu dualismo cosmológico”.⁴

¹ Ellen G. White, *Patriarcas e profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), 732. A autora declara que o espiritismo moderno, bem como as formas da antiga feitiçaria e da adoração a ídolos, cujo ponto vital e comum é a comunicação com o “mundo dos espíritos”, todos eles tem a mesma origem: a declaração da serpente do Jardim do Éden – “e certo que não morrereis” (Gn 3:4-5).

² Citado em Renold J. Blank, *Estacologia da pessoa* (São Paulo: Paulus, 2000), 75.

³ *Ibid.*, 78. O autor declara que foi a partir desta origem pagã que a concepção binária ou dualista do homem passou por toda uma história de evolução e adaptação, até finalmente se fixar também no cristianismo.

⁴ *Ibid.*, 78.

A partir do século IV d.C., sobretudo depois de Agostinho, a compreensão cristã do destino humano após a morte baseia-se, cada vez mais, no modelo dualista helênico. Este modelo antropológico já era o dominante dentro do império greco-romano antes da era cristã e, depois do desaparecimento deste império, continuou dentro do pensamento cristão e permanece até os dias de hoje.¹

Mesmo com uma origem tão questionável, a doutrina da separação da alma após a morte continua liderando a literatura e os sermões da grande maioria das diversas denominações cristãs.²

¹ Blank, 78. O autor dá um esquema da história da inculturação do dualismo na religião cristã, culminando com o dualismo cartesiano, no séc. XVII d.C., a saber: a) séc. VII a.C. Religiões órficas da Trácia; b) séc. VI a.C. Pitágoras introduz o dualismo ético; c) séc. IV a.C. Platão introduz o dualismo ontológico; d) entre os sécs. II a.C. e IV d.C. o dualismo cosmológico (gnose) é introduzido na Pérsia; e) séc. II d.C. o maniqueísmo e o neoplatonismo entram na doutrina cristã; f) séc. IV d.C. Agostinho incorpora este conceito dualístico; e por fim g) séc. XVII o dualismo cartesiano dá a roupagem final do que hoje é pregado pelas diversas denominações cristãs.

² Para um maior esclarecimento sobre a doutrina da imortalidade na comunidade cristã, ver: Russell P. Shedd, e Alan Pieratt, *Imortalidade* (São Paulo: Vida Nova, 2000); Ray Summers, *A vida no além* (Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979); A. Marchadour, *Morte e vida na Bíblia* (São Paulo: Paulinas, 1984); Leonardo Boff, *Vida para além da morte* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1980); Cláudio Bollini, *Céu e inferno – o que significam hoje?* (São Paulo: Paulinas, 1996).

CAPÍTULO III

A MORTE COMO UM SONO INCONSCIENTE

Como visto no capítulo anterior, a grande maioria dos cristãos hodiernos crê que a alma do homem é uma parte do ser humano que é imortal, e que continua viva e consciente após a morte, seja no inferno (para os maus), seja no paraíso (para os bons).

Porém, um exame mais cuidadoso das passagens bíblicas que tratam do assunto, podem revelar outra situação – a de que a morte é um sono inconsciente, o qual só cessará com a segunda vinda de Cristo, para os justos, ou ao final do milênio, para os ímpios.

Imortalidade

As Escrituras revelam que o Deus eterno, somente Ele, é imortal (1Tm 1:17; 6:16).¹ A “imortalidade é o estado ou qualidade daquilo que não está sujeito à morte. Os tradutores das Escrituras usaram a palavra imortalidade para traduzir os termos gregos *athanasia*, ‘ausência de morte’, e *aphtharsia*, ‘inocorrutibilidade’”.²

As Escrituras em parte alguma descrevem a imortalidade como uma qualidade ou estado que o homem – ou sua “alma” ou “espírito” – possui inerentemente. Os termos usualmente traduzidos como “alma” e “espírito” ocorrem mais de

¹ Lessa, Guarda, e Scheffel, 454.

² Ibid.

1600 vezes na Bíblia, mas em nenhum caso estão associados a “imortal” ou “imortalidade”.¹

A imortalidade que Deus desejou conceder ao homem era condicional, pois dependeria de sua obediência à Lei de Deus. O Senhor advertiu a Adão e Eva de que no dia em que eles comesses do fruto, certamente, morreriam (Cf. Gn 2:17).²

A doutrina do espiritismo, e suas diversas ramificações (céu imediato, inferno de tormento eterno, purgatório, reencarnação, mediunidade, psicografia, etc.) não pode encontrar embasamento seguro e consistente na Bíblia.³ Segundo Snyder,

A diferença entre a visão reencarnacionista da alma e a visão da Bíblia [ressurreição] é que a primeira vê a alma continuando a existir sem se importar com a existência ou não de um Deus pessoal e infinito, simplesmente por causa do seu próprio caráter imortal; enquanto que a Bíblia mostra que uma pessoa sobrevive somente à medida que Deus garante a sua existência.⁴

A Morte é um Sono

Poucas são as denominações cristãs que advogam o estado inconsciente do homem durante a morte, assemelhando este estado a um sono sem sonhos.⁵ Para os

¹ “Immortality”, *SDA Encyclopedia*, edição revista, 621, citado em Lessa, Guarda, e Scheffel, 454.

² Os próprios defensores da imortalidade admitem que não há muitas provas concretas sobre o estado imortal da alma, nem mesmo no Novo Testamento. Cf. Shedd, e Pieratt, 215-216.

³ Cf. John Snyder, *Reencarnação ou ressurreição?* (São Paulo: Vida Nova, 1992), 23.

⁴ Ibid.

⁵ Dentre estes, estão os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová.

Adventistas, em particular, a “morte não é aniquilação completa; é apenas um estado temporário de inconsciência enquanto a pessoa aguarda a ressurreição”.¹

A Bíblia refere-se repetidas vezes à morte como assemelhando-se a um estado de sono inconsciente:

- Davi, Salomão e outros reis (1Rs 2:10; 11:43; 14:20, 31; 15:8; 2Cr 21:1; 26:23);

- Jó também identifica a morte como um sono (Jó 14:10-12), bem como Davi (Sl 13:3), Jeremias (Jr 51:39, 57) e Daniel (Dn 12:2);

- A filha de Jairo estava “dormindo” conforme O próprio Jesus (Mt 9:24; Mc 5:39);

- Lázaro também foi considerado como estando “dormindo” (Jo 11:11-14);

- Os santos que “dormem” serão ressuscitados (Mt 27:52);

- Estêvão foi considerado como “adormecido” (At 7:60);

- Paulo e Pedro também referem-se à morte como um sono (1Co 15:51, 52; 1Ts 4:13-17; 2Pe 3:4).

Anteriormente, mencionou-se que uma passagem muito utilizada pelos que defendem a imortalidade da alma é Ec 12:7, onde é dito que o “espírito volte a Deus, que o deu”.

A declaração de Salomão, de que o espírito (*ruach*) retorna a Deus que o deu, indica que o que retorna a Deus é simplesmente o princípio vital que Ele distribuiu. Não há indicação de que o espírito, ou respiração, seja uma entidade consciente separada do corpo. Este *ruach* pode ser considerado igual ao “fôlego

¹ Lessa, Guarda, e Scheffel, 457.

de vida” que Deus assoprou no primeiro ser humano a fim de animar-lhe o corpo até então sem vida.¹

Dizer que este verso mostra que o espírito “vai” ate a presença de Deus para desfrutar imediatamente do paraíso, é ter que admitir que “todos” os espíritos retornam a Deus, inclusive os ditos “maus”, o que nenhum advogado da doutrina da imortalidade gostaria de admitir.

Ressurreição

A doutrina que verdadeiramente mais se harmoniza com o texto da Bíblia é a da ressurreição, quando os justos poderão gozar da imortalidade, pois a conquistaram baseados na justiça de Cristo; e os ímpios perderão eternamente sua oportunidade de gozar do paraíso, sendo destruídos juntamente com o pecado, por ocasião do fim do milênio.²

Afirmar a ressurreição do corpo é afirmar o valor da criação de Deus. As doutrinas da criação e ressurreição não existem independentemente uma da outra; elas são incoerentes à parte uma da outra. Juntas, elas mostram o significado e o propósito de Deus em criar a vida corporal e em trazer a completa redenção e consumação.³

Segundo a Bíblia, os mortos voltarão à vida em uma das duas grandes ressurreições que ocorrerão no fim dos tempos:

1) Ressurreição da vida, para os salvos. Estes não participarão do aniquilamento eterno do pecado (segunda morte), mas gozarão das benéncias da

¹ Ibid., 459.

² Cf. Alejandro Bullón, *O terceiro milênio e as profecias do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), 79-87.

³ Snyder, 59.

eternidade ao lado de Deus (cf. Ap 20:6, 14; Jo 5:29; 1Co 15:52-53; 1Ts 4:15-18; Lc 20:36). Esta ressurreição ocorrerá por ocasião da segunda vinda de Cristo.

2) Ressurreição da condenação. Se aplicará aos ímpios, que não buscaram o amparo na justiça salvadora de Jesus, e por isso serão aniquilados para sempre, juntamente com o pecado, após os mil anos (cf. Ap 20:14-15; Jo 5:29).

Por fim, fica demonstrado que uma análise imparcial e detalhada do Texto Sagrado mostrará que a doutrina pagã, paulatinamente incorporada ao cristianismo, de que o homem possui uma alma imortal que “sai” do corpo por ocasião da morte, esta doutrina não tem sustentação bíblica e carece de um apoio no “assim diz o Senhor”.

CONCLUSÃO

Durante anos a doutrina da imortalidade da alma e do estado consciente do homem após a morte, têm estado a se infiltrar profundamente no seio do cristianismo.

Atualmente, a grande maioria dos cristãos crê, de um forma ou de outra, que há algum tipo de vida consciente logo após a morte, seja no céu (paraíso), no inferno (sendo atormentado pelo fogo eterno), ou no purgatório (para uma purificação prévia antes de entrar no céu). Outros acreditam num processo sucessivo de reencarnações da alma imortal, até que se atinja um estado de perfeição tal que elevará o “espírito” a uma situação mais “iluminada”.

Porém, após analisar-se os diversos textos bíblicos que tratam, sem pormenores, do tema do estado do homem na morte, pode-se comprovar que não há consistência no ensinamento da imortalidade da alma, pois o homem é pecador e, conforme a ordem divina (Gn 2:17), está sujeito à morte, que é a separação do “fôlego de vida” e do “pó da terra”, passando a um estado de inconsciência até o momento da ressurreição, seja a dos justos, ou a dos injustos.

BIBLIOGRAFIA

- Andreasen, M. L. *O homem – aqui e no além*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1ª ed.
- Bailey, Lloyd R. *Biblical Perspectives on Death*. Philadelphia: Fortress, 1979, 39. Citado em Ralph L. Smith. *Teologia do Antigo Testamento*, 360. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Bayard, Jean-Pierre. *Sentido oculto dos ritos mortuário*. São Paulo: Paulus, 1996.
- Blank, Renold J. *Estacologia da pessoa*. São Paulo: Paulus, 2000.
- Boff, Leonardo. *Vida para além da morte*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- Bollini, Cláudio. *Céu e inferno – o que significam hoje?*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bowker, John W. *Os sentidos da morte*. São Paulo: Paulus, 1995.
- Brichto, H. C. “Kin, Cult, Land and Afterlife”, *Hebrew Union College Annual 44* (1973): 1-54. Citado em Ralph L. Smith. *Teologia do Antigo Testamento*, 363. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Bullón, Alejandro. *O terceiro milênio e as profecias do Apocalipse*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- Chajj, Fernando. *Forças misteriosas que atuam sobre a mente humana*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979.
- Jacob, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Nova Iorque: Harper and Row, 1958, 299. Citado em Ralph L. Smith. *Teologia do Antigo Testamento*, 359. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Kaiser, Otto. *Death and Life*. Nashville: Parthenon, 1981, 34. Citado em Ralph L. Smith. *Teologia do Antigo Testamento*, 362. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Kardec, Allan. *Qué es el espiritismo?*. Buenos Aires, 1957, 35. Citado em Fernando Chajj. *Forças misteriosas que atuam sobre a mente humana*, 90. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979.

- Lessa, Rubens S. Márcio D. Guarda, e Rubem M. Scheffel. *Nisto cremos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- Marchadour, A. *Morte e vida na Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- Quevedo, Oscar G. *Os mortos interferem no mundo?*. São Paulo: Loyola, 1992.
- Shedd, Russell P., e Alan Pieratt. *Imortalidade*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Smith, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- Snyder, John. *Reencarnação ou ressurreição?*. São Paulo: Vida Nova, 1992.
- Summers, Ray. *A vida no além*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.
- Torres, Wilma C. *A psicologia e a morte*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- White, Ellen G. *Patriarcas e profetas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.